

Areias, 7,6,1909

- 11) D D
- 12) Roque

Rangel:

Nada sei de Ricardo. Estará no *Comercio de S. Paulo*? Suspeitei-o, encontrando por acaso um numero desse jornal em que vinham os classicos e nunca assaz republicados *Elefantes* do Lecomte de Lisle da sua tradução e tambem o meu *Gens ennuyeux*, que entra assim na quarta edição em jornal. A mim não convidou para colaborar. Onde recebi convite foi da *Tribuna* de Santos, jornal côr de rosa que o Valdomiro Silveira dirige, e já mandei como pano de amostra uma coisa cruel contra o Hermes. Prometem pagar a colaboração logo que concluem lá umas reformas. É preciso que a literatura renda ao menos para o papel, a tinta e os selos. A primeira coisa paga que escrevi foram artigos sobre o Paraná, coisa de outiva. Renderam-me 10\$000 cada, uma assinatura de *Revue Philosophique* (33 francos), um Aristofanes completo e um belo canivete de madre-perola com sacarrolha. Não foi mau negocio, e assim pilhemos tão alta remuneração para tudo quanto produzirmos.

O que dizes d'A *Gargalhada*, eu vagamente previa; havia ali coisa que me desagradava, sem que eu atinasse qual. Deve ser o que dizes. Vou refaze-la como indicas, e tambem dum jeito que ando cá a matutar. As vantagens do nosso sistema de mutualismo tornam-se cada vez mais evidentes.

Tuas observações sobre *Os Faroleiros* sossegaram-me e deram-me alento para pensar no nº 4, do qual ainda não tenho ideia. *Os Faroleiros* escrevi sem plano; sentei-me á mesa e deixei-o escorrer de dentro de mim.

Quanto ao que propões sobre o português_ interessante!_ era o que eu ia propor-te nesta. Você foi o primeiro a alcançar o polo, como Amundsen. Mandei vir o dicionario de Aulete, que ainda é o melhor, e estou a le-lo. Aventura esplendida, Rangel! Os vocabulos são velhos amigos nossos que pelo fato de diariamente nos acotovelarem no brouhaha da Lingua, não nos merecem a atenção curiosa e indagadora que damos ás palavras estrangeiras. Pelo fato de frequentar um parente, você chega a ponto de não poder descrever-lhe a cara_ e no entanto é capaz até de desenhar de memoria a cara dum estranho que viu ontem. Deixam de nos impressionar as coisas habituais. Daí o valor da leitura de dicionario. Todo o povo tumultuoso da praça publica da Lingua lá o encontramos individualizado, como soldados em quartel, cada um com o seu numero, o seu posto, perfilados e obedientes quando os defrontamos. Na rua vemos passar cavalos. No dicionario encontramos um CAVALO. "Quem é você?" E ele muito serio: "... substantivo masculino.

Quadrupede domestico, solipede; ramo ou tronco em que se enxerta; banco de tanoeiro, etc., etc.” A gente regala-se com o mundo de coisas que o cavalo é, e muitas vezes tambem nos regalamos com as cavalidades do dicionarista. Se o cavalo é um “quadrupede domestico”, como se arranja o dicionarista para denominar um *equus* selvagem? E vamos assim mentalmente retificando aqui e ali o dicionario, enquanto ele nos faz o mesmo aos inumeros pontos vocabulares em que claudicavamos sem o saber. Quantos novos sentidos de palavras, das quais sabiamos um só? Quanta construção bonita de frase, com forma intransitiva de verbos habitualmente transitivos? E as antigualhas merecedoras de restauração? Que deleite seguir em mente a evolução dum vocabulo! Ver, por exemplo, *agora* sair de *hac hora*, como a borboleta sai da crisalida; e *preto* sair de *pyraites* (queimado), como sai preto o papel branco depois que o fogo o queima. E *caravansará* sair do persa *Karvan sarai*. Essa leitura nos vai dando firmeza, com o conhecimento da exata propriedade dos vocabulos.

Euclides da Cunha foi um grande ledor de lexicos. Nos *Sertões* eu notei como ele fugia á vulgaridade sem cair nos abstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachamorra que achata todas as palavras da lingua é sempre o jornalismo). Em vez de prematuro, *imaturo*. *Implexo* por complexo, etc. Uma variação dos prefixos habituais da imprensa_ e a frase fica mais fina, toda petulante de distinção. A desgraça em tudo é a vulgaridade_ o “toda-gente”.

Estou lendo e marcando as palavras uteis para o meu caso, os sentidos figurados aproveitaveis nesta “nossa” literatura, etc. Ainda estou no “A” e já tenho belos achados. É um verdadeiro mariscar de peneira. Deves fazer a mesma coisa, e depois trocaremos as notas.

Não tenho nenhum bom retrato de Purezinha e da Marta. Por Areias passou antigamente um fotografo_ e toda gente recorda-se com saudades do tempo em que podiam fixar as caras. Lá pelo fim do ano vamos para S. Paulo e então terás o que pedes. Tambem Purezinha tem muita vontade de saber como é a cara de dona Barbara. Se tem retrato que dê ideia, venha.

Precisamos ler Camilo. Vou mandar vir um sortimento. Saber a lingua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a lingua portuguesa brota mijadamente, saida inconcientemente, com a maior naturalidade fisiologica.

Eu tenho a impressão de que os outros *aprenderam* a lingua e só Camilo a *teve ingênita* até no sabugo da unha de todas as celulas de seu corpo.

LOBATO